

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7

# DISCURSO ASTROLÓGICO: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO NO HORÓSCOPO DA REVISTA *CLAUDIA*

Ana Júlia Tavares Staudt (UNEB)  
[anajuliastaudt@gmail.com](mailto:anajuliastaudt@gmail.com)

8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28

## RESUMO

A partir do horóscopo da revista mensal *Claudia*, depreendeu-se a análise dos aspectos relacionados à constituição de sentido, considerando-se a construção discursiva para um público adulto feminino. Para tanto, foram selecionados três exemplares da referida revista, a saber, de dezembro de 2014, janeiro e fevereiro de 2015. Esse artigo está fundamentado na análise do discurso francesa, que tem como principal representante Michel Pêcheux. Efetuou-se um cruzamento entre os temas apontados no horóscopo com o objetivo de perceber possíveis regularidades. Na revista *Claudia* as regularidades encontradas tratam, a saber, de entretenimento-lazer, amor, finanças e trabalho-carreira. A partir dessas regularidades, marcam-se as características da fase adulta. Identifica-se também, a partir da análise, o sujeito enunciador em plena identificação com a forma-sujeito na formação discursiva afetada pelo discurso do bom sujeito plenamente identificado com a ideologia da sociedade de consumo, na qual *Claudia* está inserida. Através do *corpus*, depreendeu-se as condições de produção constituída dos sujeitos e situação e as formações imaginárias que decorrem, como a forma-sujeito se desloca na posição sujeito, ora como astrólogo ora como conselheiro ora, ainda, como cúmplice, por meio do discurso autoritário. Analisa-se o contexto estrito e amplo – o suporte do objeto, a referida revista, identificada com as formas da sociedade atravessada pela sociedade de consumo e bem viver. Assim, o horóscopo no entremeio do discurso jornalístico e publicitário firma as ideias da representação feminina da beleza, do divertimento, do amor, ao mesmo tempo em que se verifica uma continuidade sócio-histórica e ideológica da mulher adulta de *Claudia*.

29  
30  
31

Palavras-chave: Condições de produção. Horóscopo. Revista *Claudia*.

### 1. Introdução

32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40

Este trabalho é fruto de pesquisa da dissertação de mestrado, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Estudos e Linguagens do Departamento de Ciências Humanas, Campus I, da UNEB. No presente texto, tem-se por objetivo apresentar uma reflexão acerca do Horóscopo que se baseia no conhecimento praticado há milênios acerca da Astrologia, divulgado na revista mensal *Claudia*, dezembro de 2014 da Editora Abril Cultural, direcionada a jovens adolescentes. Buscou-se depreender a análise dos aspectos relacionados à compreensão de sentido e a materialidade presente na previsão astral. Considerou-se a construção de senti-

1 do para um público feminino adulto, observando as estratégias de cons-  
2 trução discursiva e os efeitos de sentidos que desejam produzir. Para tan-  
3 to, faz-se um breve estudo dos elementos que constituem um mapa astral,  
4 a trindade astrológica: signos, planetas e casas. O conhecimento astroló-  
5 gico se mantém- até os dias de hoje, principalmente, divulgado em revis-  
6 tas, jornais, almanaques *sites* etc. Tem-se como objetivo um gesto de in-  
7 terpretação no horóscopo divulgado na revista *Capricho*. Este estudo está  
8 fundamentado na análise do discurso francesa, que tem como represen-  
9 tantes: Michel Pêcheux (2009), Eni Puccinelli Orlandi (2005), (2006) e  
10 demais estudiosos da análise de discurso. A partir do *corpus*, busca-se in-  
11 terpretar as condições de produção, formações discursivas, formações  
12 ideológicas, formações imaginárias. Para iniciar, traça-se um breve histó-  
13 rico da análise do discurso, em seguida, situa-se o papel das revistas no  
14 *mass media*, discorre-se acerca da Astrologia e a composição da carta as-  
15 tral – fotografia do céu no momento do nascimento, e, por fim, apresen-  
16 ta-se em um gesto de interpretação do *corpus* em questão, o horóscopo  
17 da *Capricho*.

18 A questão que se procura responder na opacidade do texto desen-  
19 volve-se em torno das condições de produção que se dão na formulação  
20 dos dois eixos: o da memória (constituição) – interdiscurso - e o da atua-  
21 lidade- formulação, intradiscurso, aquilo que se está dizendo naquele  
22 momento em condições dadas, dizeres já ditos, mas esquecidos na me-  
23 mória. Que relação de forças e em que lugar e posição este sujeito é  
24 constituído do que ele diz, ou melhor, que determina o que pode e deve  
25 ser dito por ele. É a partir do intradiscurso que o histórico e o ideológico  
26 e a memória discursiva já se revelam no gesto de interpretação.

27

## 28 2. *A análise do discurso*

29 O artefato teórico da análise de discurso não é mais hermético  
30 quanto nas fases anteriores, mesmo a produção discursiva apresentando  
31 uma relação de forças na discursividade. O interdiscurso é considerado  
32 assim como a sua heterogeneidade somada à instabilidade do discurso,  
33 este conceito encontra espaço na última fase da análise de discurso, de-  
34 nominada AD-3. (PÊCHEUX, 1983, p. 311-318)

35 O discurso é maior que o texto, este se revela através da palavra  
36 em movimento, e é através da língua que o homem se manifesta. O obje-  
37 to da análise do discurso é o discurso - efeitos de sentidos - e a língua é a  
38 condição de possibilidade para o discurso.

1 As condições de produção são essenciais para compreender o su-  
 2 jeito e a situação. No contexto imediato, sentido estrito, tem-se as cir-  
 3 cunstâncias de enunciação, resultando no intradiscurso cujos sujeitos as-  
 4 sinam. O contexto amplo trata da memória, o contexto sócio-histórico,  
 5 ideológico: quem fala antes em algum lugar. Como se pode observar no  
 6 quadro que segue

CONTEXTO IMEDIATO	CONTEXTO AMPLO
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ As páginas do horóscopo da revista <i>Claudia</i>, lugar do acontecimento das previsões zodiacais;</li> <li>▪ As figuras mitológicas que representam cada signo e não outras figuras;</li> <li>▪ As leitoras que leem o horóscopo na revista <i>Claudia</i> e não em outra;</li> <li>▪ O momento em que o horóscopo ganha visibilidade no sumário da revista <i>Claudia</i>, na seção “Sempre em <i>Claudia</i>”;</li> <li>▪ O fato de o horóscopo ser divulgado em uma revista para mulheres adultas e não em outro suporte;</li> <li>▪ O astrólogo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ A imprensa;</li> <li>▪ A sociedade pós-moderna e as novas formas de interações;</li> <li>▪ A Editora Abril, responsável pela publicação e divulgação da revista <i>Claudia</i>;</li> <li>▪ A revista <i>Claudia</i>.</li> </ul>

7 Dessa forma, tem-se no horóscopo da revista *Claudia* o contexto  
 8 imediato representado pela própria revista e mais especificamente, a pá-  
 9 gina do horóscopo e os sujeitos que a assinam. No contexto amplo reve-  
 10 la-se através dos sentidos postos na sociedade em que se vive, ou seja, as  
 11 instituições, mídia escrita que determinam as posições de autoridade/autoritarismo e obediência/opressão. Tudo isto interpelado pelo con-  
 12 texto sócio-histórico, ideológico.  
 13

14 Segundo Jean-Jacques Courtine (1984) citado por Eni Puccinelli  
 15 Orlandi (2005, p. 32), o interdiscurso encontra-se no eixo vertical da  
 16 constituição, representando todos os dizeres já-ditos, entretanto esqueci-  
 17 dos na memória, esta é que permite o dizer daquele momento e das con-  
 18 dições possíveis inseridas no eixo horizontal da formulação, denominado  
 19 intradiscurso. Assim, é na relação estabelecida entre o interdiscurso  
 20 (constituição do sentido) e o intradiscurso (formulação) que se tiram os  
 21 sentidos. Portanto percebe-se uma relação entre o já dito e o que se está  
 22 dizendo, além da memória que se insere no interdiscurso a qual se deno-  
 23 mina memória discursiva, tornando possível todo dizer.

24 Retomando o dito acerca das condições de produção e/ou condi-  
 25 ções de significação, estas condições, segundo Eni Puccinelli Orlandi  
 26 (2005), se representam através dos sujeitos e da situação, também o mo-

1 do como a memória instala-se imprime às condições de produção. Acres-  
2 centa-se ainda para melhor elucidar:

3 [...] condições de significação: o contexto histórico-social enquanto capaz de  
4 refletir o movimento entre o linguístico e o discursivo; a relação do implícito e  
5 do explícito; a relação de forças; a relação de sentidos; a antecipação; a rela-  
6 ção do texto com os textos possíveis naquele contexto; a relação de dominân-  
7 cia de um sentido sobre os outros possíveis. Se observarmos bem o que foi  
8 enumerado, percebemos que constitui o que se chama condições de produção  
9 de um discurso. Assim podemos dizer que as condições de significação são a  
10 especificação, para cada texto, de suas condições de produção. (ORLANDI,  
11 2006, p. 173-174)

12 No contexto imediato, nas condições de produção, tem-se as cir-  
13 cunstâncias de enunciação e, no contexto amplo, incluímos o contexto  
14 sócio-histórico, ideológico, ou seja, o enfoque se faz nas formas elabora-  
15 das pela sociedade e os efeitos de sentidos que aí decorrem. As condições  
16 de produção são constituídas pelas formações Imaginárias, que apresen-  
17 tam mecanismos de funcionamento do discurso e que são as relações de  
18 sentido, de antecipação e de relações de força.

19 Nas relações de sentido, um discurso aponta para outro, pois “[...]”  
20 todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo amplo,  
21 contínuo” (ORLANDI, 2005, p. 39) que resultam nas formações imagi-  
22 nárias. Nas antecipações, Eni Puccinelli Orlandi (2005, p. 40) esclarece:

23 E se fazemos intervir a antecipação, este jogo fica ainda mais complexo  
24 pois incluirá: interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e  
25 assim por diante. Na relação discursiva, são as imagens que constituem as di-  
26 ferentes posições.

27 O mecanismo de antecipação regula a argumentação, pois o sujei-  
28 to dirá de uma maneira ou de outra, podendo prever o seu interlocutor  
29 como cúmplice até o outro extremo ao prevê-lo como um adversário.  
30 (ORLANDI, 2005)

31 Nas relações de forças, encontra-se o lugar de onde o sujeito se  
32 constitui, a imagem que se tem do astrólogo, pois trata-se do horóscopo e  
33 o lugar de onde ele fala, o conhecimento que se supõe ele ter para falar  
34 acerca daquele assunto – a autoridade para tal. Vive-se em uma socieda-  
35 de hierarquizada, que distribui posições de mando e obediência, e desses  
36 diferentes lugares se faz valer a interação entre as pessoas e, consequen-  
37 temente, as relações de força. Dessa forma não são os lugares que eles  
38 ocupam na sociedade que funcionam no discurso, mas as projeções que  
39 se possam fazer. Dizendo assim, é importante estabelecer a distinção en-  
40 tre lugar e posição do sujeito, aquele é a posição empírica, este é a posi-

1     ção discursiva e insere-se ao discurso. Assim não é a visão empírica do  
2     astrólogo, mas a sua posição discursiva produzida pelas formações ima-  
3     ginárias. Ainda, segundo Eni Puccinelli Orlandi (2005), há regras de pro-  
4     jeção que permitem ao sujeito passar de uma situação empírica para uma  
5     posição discursiva, a significação do discurso constitui-se nessas posi-  
6     ções, e esta significação encontra-se em relação ao contexto sócio-  
7     histórico e à memória.

8

### 9     3. *As condições de produção da revista Claudia*

10     A revista *Claudia* pertence à Editora Abril e foi fundada em 1961  
11     com o nome que Victor Civita (fundador da Editora) e sua esposa Sylva-  
12     na Civita queriam dar à filha que nunca tiveram:

13             Todas as vezes que falou sobre *Claudia*, Victor Civita fez questão de  
14     lembrar que ela era a sua filha de papel que ele e sua esposa Sylvana resolve-  
15     ram ter no lugar daquela de carne e osso da qual desistiram após terem migra-  
16     do para o Brasil e se empenhado na construção da Editora Abril. A revista fi-  
17     cou com o nome escolhido para a filha que não nasceu e assim foi gerada.  
18     (MIRA, 2001, p. 43)

19     Assim exposto, fica implícito que a revista *Claudia* sempre foi  
20     tratada como “filha”, com muito esmero e atenção apurada, deixando pa-  
21     ra outras revistas segmentos da estética e da sexualidade. *Claudia* segue  
22     o politicamente correto, como quase todos os pais desejam para o futuro  
23     de suas filhas: segurança num casamento, cuidado com os filhos, decora-  
24     ção da casa, saber fazer receitas para agradar o marido, dentre outros. E  
25     assim o foi até a década de 1960, quando já se mostrava um descontenta-  
26     mento das donas de casa em assuntos prosaicos. Segundo Dulcília  
27     Schroeder Buitoni (2006), ao conceituar a representação da mulher em  
28     cada década, observa-se que a de 1960 é denominada de a dona de casa  
29     insatisfeita, apontando indícios da mulher que não queria mais cuidar  
30     apenas da família e do lar, queria mais, ver lá fora e participar de outras  
31     questões que não só aquelas. Assim, chega à redação de *Claudia*, por  
32     volta de 1963, a jornalista Carmem Silva, que assina artigos fundamenta-  
33     dos na psicologia, passando a ser conhecida e reconhecida como uma  
34     pensadora acerca das revistas de comunicação de massa nas questões fe-  
35     mininas, conforme Dulcília Schroeder Buitoni (2006, p. 106):

36             A revista *Claudia* foi criando, ao longo de sua existência, condições de  
37     produção, principalmente nas áreas ligadas aos aspectos visuais, fotografia e  
38     artes gráficas, contribuindo com o aparecimento da profissionalização e legi-  
39     timação do chamado jornalismo de serviço, aspecto importante nas revistas até

1 hoje, motivo que vem mantendo a referida revista há mais de 50 anos no mer-  
2 cado. *Claudia* teve que se adaptar às mudanças, seu carro-chefe não é mais o  
3 universo doméstico, embora não o tenha abandonado, o enfoque atual volta-se  
4 para matérias sobre carreira, cultura, finanças e espiritualidade. O público ago-  
5 ra é heterogêneo, abrangendo todas as faixas etárias e as classes sociais A, B e  
6 C, e o horóscopo também segue a mesma linha, tratando dessa nova mulher  
7 moderna, que agora se preocupa, principalmente, com a profissão-trabalho,  
8 saúde-estética, lazer e amor.

9

#### 10 **4. A trindade astrológica**

11 A astrologia figura entre os primeiros registros do aprendizado  
12 humano e tem sua origem na Suméria, Babilônia, em torno do ano 4.000  
13 a.C. Tabuinhas com símbolos astrológicos encontradas na biblioteca de  
14 Assurbanípal, em Nínive, revelam que os conhecimentos astrológicos  
15 eram aplicados a várias áreas da vida.

16 A trindade astrológica é formada pelos signos, planetas e casas e  
17 são estes elementos que constituem a carta astral, a fotografia do céu no  
18 momento do nascimento. Assim o estudo do mapa astral se constitui na  
19 percepção de que as relações simbólicas entre os corpos celestes são ex-  
20 tremamente significativas e podem ser vistos como traçado do destino,  
21 aquilo que tem que ser feito, viver a experiência em diferentes níveis,  
22 conforme o entendimento daquele ser humano do qual se faz a interpre-  
23 tação astrológica. Tem-se, então os doze signos (Áries, Touro, Gêmeos,  
24 Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário  
25 e Peixes); os planetas Marte, Vênus, Mercúrio, Júpiter, Saturno, Urano,  
26 Plutão, Lua e o Sol e as doze casas de experiência que indicam os espa-  
27 ços terrestres considerados como o campo de ação dos signos e dos pla-  
28 netas. A grosso modo, entende-se desta maneira: as casas I representa o  
29 Eu, a II, realizações concretas, a III, a mente concreta, a IV, a família, a  
30 V, criatividade, a VI, a saúde, a VII, o Outro, o parceiro com quem nos  
31 associamos, a VIII, a transmutação, a IX, a mente abstrata, a X, a missão  
32 pública e social, a XI, a vida social, e a XII, o autossacrifício. Acrescen-  
33 ta-se, ainda os aspectos, calculados a partir das efemérides (tábuas elabo-  
34 radas por astrônomos), a conjunção 0 grau, o sextil 60 graus, a quadratu-  
35 ra 90 graus, o trígono 120 graus e a oposição 180 graus.

36 O mapa se constitui de um círculo dividido em 12 partes, medindo  
37 cada uma destas partes 30 graus, totalizando 360 graus, são as casas zo-  
38 diaicais. Na parte interior tem-se o símbolo de cada signo e os planetas  
39 distribuídos com seus aspectos de acordo com as efemérides, do dia do

1 nascimento e/ ou acontecimento que será interpretado. A partir destes  
2 dados, o astrólogo poderá iniciar a leitura do mapa astral. Assim, tem-se  
3 o cenário do evento em questão para que se possa interpretá-lo.

4 A astrologia se popularizou muito especialmente na sua forma dos  
5 astros do zodíaco. As pessoas de classes sociais diferentes, independente  
6 do nível de escolaridade, procuram manter-se informadas sobre os signos  
7 do zodíaco, seja lendo em revistas, jornais, almanaques, *blog*, *sites*, rádio.  
8 Inclusive há muitas revistas mensais que se dedicam exclusivamente a  
9 divulgar informações sobre os signos do zodíaco. Outras, voltadas para o  
10 público feminino, mantêm uma seção exclusiva para tratar do tema. Den-  
11 tre estas se destaca a revista *Claudia*.

12

### 13 5. *Um gesto de interpretação*

14 No texto do horóscopo, propriamente dito, nas condições de produ-  
15 ção dadas, tem-se os sujeitos, de um lado o enunciador (astrólogo) e de  
16 outro as leitoras da revista - mulheres adultas em sua maioria -, que auto-  
17 rizam o dizer, a ação do sujeito a falar sobre tal assunto; o sujeito é quem  
18 tem autoridade para falar, pois sabe, conhece o assunto.

19 O sujeito desloca-se do lugar para a posição e vice-versa ora como  
20 astrólogo ora como conselheiro. Deve-se considerar como o espaço soci-  
21 al onde tudo significa as construções, o estilo, o tom, este espaço é ocu-  
22 pado pelo falante e pelo ouvinte. Os sentidos que se constituíram ao lon-  
23 go da história da palavra “horóscopo” e seus efeitos nas pessoas, entre a  
24 repetição e a diferença, exercem no leitor uma memória discursiva que  
25 remete ao interdiscurso. Estes sentidos podem derivar para outras situa-  
26 ções. Mas, o simples fato de aparecer na *Claudia* uma seção, denominada  
27 horóscopo, elencando a data de nascimento para que o leitor identifique o  
28 seu signo (e quem não sabe o seu?), já trazem à memória, já falam em  
29 nós. Como esta revista é valorada no mecanismo da indústria cultural,  
30 existe a persuasão, as opiniões sempre previsíveis àquela camada social e  
31 ainda subjacente a ideologia da mulher que quer participar em casa e fora  
32 de casa

33 A partir das condições de produção constituídas pela situação e  
34 pelo o sujeito percebe-se a partir do discurso do astrólogo apresentado no  
35 horóscopo um texto “híbrido”, pois irregular, produzido em condições  
36 determinadas e que de alguma maneira se fazem presente, necessitando

1 serem decodificados. O sujeito pensa que diz, mas não diz, apresentando  
2 toda a opacidade já no intradiscurso.

3 Além disto, observa-se o lugar e a posição que o sujeito ocupa nas  
4 pretensas previsões e, entende-se que não são os lugares que eles ocupam  
5 na sociedade que funcionam no discurso, mas as projeções que se pos-  
6 sam fazer. Dizendo assim, julgou-se importante estabelecer a distinção  
7 entre lugar e posição do sujeito, aquele é a posição empírica, este é a po-  
8 sição discursiva e insere-se ao discurso. Assim não é a visão empírica do  
9 astrólogo, mas a sua posição discursiva produzida pelas formações ima-  
10 ginárias.

11 Hoje, os meios de comunicação constituem o *locus* principal em  
12 que é atualizado o labor sobre as representações sociais, pois conquista-  
13 ram um *status* institucional que lhes autoriza a interpretar e produzir sen-  
14 tidos sobre o social com o consenso da sociedade.

15 As revistas femininas direcionadas ao público feminino constitu-  
16 em um meio de comunicação de massa. A indústria publicitária não me-  
17 de esforços para vender este produto. Ao mesmo tempo em que estas re-  
18 vistas relacionam o feminino ao espaço do público e se dirige a uma mu-  
19 lher moderna, esta revista - objeto de análise do presente texto - continua  
20 condicionada a ideias e valores tradicionais no que diz respeito à sexuali-  
21 dade e à representação de gênero, apesar da aparência descompromissada  
22 com o público. Além dessa revista influenciar as relações sociais, as  
23 mesmas inserem noções equivocadas de feminilidades, gerando contradi-  
24 ções; os meios de comunicação, muitas vezes, trabalham com uma visão  
25 do mundo que pode ou não corresponder à realidade.

26 O certo é que há um já dito que torna possível este dizer, esta  
27 afirmação é importante para que possamos perceber o funcionamento do  
28 discurso e a conexão do sujeito com a ideologia. O horóscopo em ques-  
29 tão nos remete a uma filiação de dizeres a partir do momento que se fo-  
30 lhea a revista e depara-se com a palavra horóscopo e mais abaixo os sig-  
31 nos elencados. Também há toda uma ideologia acerca deste conhecimen-  
32 to que se leva a crer que este tema não é tomado a sério, os estudiosos  
33 deste tema, ao longo do tempo, procuram inseri-lo em estudos mais apro-  
34 fundados e sérios mesmo não sendo reconhecido como um conhecimento  
35 científico. Além disso, só o fato de o título e os signos com a indicação  
36 da data de nascimento já remetem a memória, em síntese afirma (IN-  
37 DURSKEY, 2011, p. 75): o imaginário destes dizeres é um imaginário  
38 fundante, trata-se da memória discursiva que ao longo do tempo vem re-



1 petindo-se infinitamente e que a referida autora denomina regime de re-  
2 petibilidade, “ou seja, pelo viés do regime de repetição tornou-se memo-  
3 rável” , os horóscopos divulgados em jornais, revistas, blogs e vários ou-  
4 tros suportes servem para imprimir *lugares de memórias* que sucessiva-  
5 mente repetidos cristalizam-se como afirma a autora sustentando dessa  
6 forma, as redes de memória que sustentam o memorável”. Desta forma,  
7 nada há de novo, tudo repete-se a exaustão, resultante do esquecimento,  
8 estruturante, no artefato de leitura da análise de discurso.

9

## 10 **6. Conclusão**

11 No presente texto, procurou-se mostrar uma reflexão acerca do  
12 horóscopo que se baseia no conhecimento milenar do estudo da Astrolo-  
13 gia, divulgado na revista mensal *Claudia*, da Editora Abril Cultural dire-  
14 cionada ao público feminino. Buscou-se depreender a análise dos aspec-  
15 tos relacionados à compreensão de sentido e a materialidade presente.  
16 Considerou-se a constituição dos sentidos para um público feminino, ob-  
17 servando as estratégias de construção discursiva e o efeito de sentido que  
18 desejam produzir.

19 Nas páginas do horóscopo estão presentes as formas da sociedade  
20 de massa resultantes da formação de consciência coletiva dessa socieda-  
21 de, porque seus produtos não mais são artísticos nem representam um ti-  
22 po de classe (superior ou inferior, dominantes e dominados), mas são ex-  
23 clusivamente dependentes do mercado. Dessa forma, a vida privada se  
24 finda mergulhando o sujeito na homogeneidade de pensamento, domina-  
25 da pelo gosto imposto a uma multidão de consumidores que trazem con-  
26 sigo, sempre, no pensamento, no vocabulário, no comportamento, resquí-  
27 cios de lógica comercial, operosidade e avidez de lucro.

28 A partir das condições de produção constituídas pela situação e  
29 pelo o sujeito percebe-se a partir do discurso do astrólogo apresentado no  
30 horóscopo um texto “híbrido”, pois irregular, produzidos em condições  
31 determinadas e que de alguma maneira se fazem presente, necessitando  
32 serem decodificados. O sujeito pensa que diz, contudo não diz, apresen-  
33 tando toda a opacidade pertinente ao discurso

34 Além disto, observa-se o lugar e a posição que o sujeito ocupa nas  
35 pretensas previsões e, entende-se que não são os lugares que eles ocupam  
36 na sociedade que funcionam no discurso, mas as projeções que se pos-  
37 sam fazer. Dizendo assim, julgou-se importante estabelecer a distinção

1 entre lugar e posição do sujeito, aquele é a posição empírica, este é a po-  
2 sição discursiva e insere-se ao discurso. Assim não é a visão empírica do  
3 astrólogo, mas a sua posição discursiva produzida pelas formações ima-  
4 ginárias.

5

6

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurs-*  
8 *so*. 2. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2004.

9

10 BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a interpretação da mu-*  
lher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

11

12 COURTINE, Jean-Jacques. Definition d'orientations théoriques et meth-  
13 odologiques en analyse de discours. *Philosophiques*, vol. 9, n. 2, Paris,  
1984.

14

15 INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: \_\_\_\_; MITT-  
16 MANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs.). *Memó-*  
17 *ria e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras,  
2011, p. 67-89.

18

19 MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revista: a segmentação da*  
cultura no século XX. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001

20

21 RIBEIRO, Ana Maria da Costa. *Conhecimento da astrologia*. Rio de Ja-  
neiro: Hipocampo, 1986.

22

23 ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideo-*  
logia. 2. ed. Campinas: Pontes, 2012.

24

25 \_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed,  
4 imp. Campinas: Pontes, 2006.

26

27 \_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas:  
Pontes, 2005.

28

29 PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do*  
óbvio. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2009.

30

31 \_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 6. ed. Campinas: Pon-  
tes, 2012.